

## **Declaração Política**

do Presidente do Grupo Parlamentar do PSD

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

O sistema democrático ocidental moderno assenta na organização e dinâmica partidárias como o motor da actividade política.

Posta em causa por alguns, a estrutura de intervenção pública através dos partidos tem-se assumido como o melhor e mais eficaz meio de promover o fim último da política: o Bem Comum.

Apesar dos defeitos que encerram – como realidades sociais e *qua tale* humanas que são - os partidos políticos são, por natureza, modos de exercício da cidadania activa e da participação cívica que fazem dos homens seres eminentemente

sociais com os laços de solidariedade, hierarquia, complementaridade e diferença que nos unem em comunidade.

O Partido Social Democrata evidenciou-se historicamente nos Açores como organização política de referência no desenvolvimento da Autonomia e na vida dos açorianos.

Com a fundação do regime autonómico de Abril, com a sucessiva responsabilização regional que os açorianos determinaram e com o importante exercício de atribuições executivas no poder local das ilhas, o PSD tem sido um importante pilar do desenvolvimento do arquipélago e o receptáculo das esperanças, anseios e expectativas de muitos açorianos.

Sendo os congressos partidários os momentos vivificadores da alma e ânimo dos partidos e definidores dos respectivos rumos e enquadramentos estratégicos, as magnas reuniões do PSD sempre marcaram a vida política regional pelo que ali acontece, mas sobretudo, pelo que dali sai.

O XV Congresso Regional do PSD, confirmou tudo isto, mas foi mais além.

Em primeiro lugar, confirmou a liderança do Dr. Victor Cruz como Presidente do partido.

A previsibilidade do facto não deslustra a novidade de se ver um dirigente partidário com quatro anos de liderança e saído de um resultado eleitoral tão adverso quanto inesperado por todos os agentes ligados à actividade política, ser aclamado e desejado sem concorrência, aí se manifestando o apreço do partido pelas suas capacidades políticas e humanas ímpares e demonstrando-se, corajosamente, a simplicidade dos resultados eleitorais não determinam nem impõem a vida partidária.

A postura de um e outros provam, tal como a História da política no Mundo, no País e na Região, que perder não é vergonha, que saber perder é uma virtude de poucos, que resistir é uma qualidade e que o respeito pela decisão dos cidadãos é tão nobre quanto a defesa das convicções que nos movem e mobilizam aqueles que em nós confiam o seu Voto.

Tais atitudes concretizam os Valores da perseverança, persistência e convicção tão arredados da sociedade “*imediatizada*” e competitiva dos nossos dias, em que é adorado

quem ganha, tem razão quem vence e todos se aproximam de quem tem poder, independentemente da razão, justiça ou correcção intrínsecas das suas posturas e decisões.

Quatro anos depois de assumir a liderança do partido e quatro anos antes de se apresentar, de novo, às esperanças dos açorianos, Victor Cruz recebe e aceita o desafio de caminhar pelos Açores com a responsabilidade assumida de vir a liderar os destinos de todos nós.

Reconduzido o Presidente do PSD-Açores, foi pelo próprio proposto e aprovado pelo Congresso um facto inédito na política regional: a eleição directa do líder pelos militantes do partido.

Podendo-se ficar por tudo isto, que já não é pouco, o último Congresso do PSD-Açores, quis ir ainda mais longe.

Quis sair das paredes internas do partido, fazendo aquilo que os partidos verdadeiramente devem fazer, intervindo e perspectivando o futuro da sociedade em que se integram.

A decisão de propor e aprovar um referendo interno aos militantes do partido sobre a revisão do sistema eleitoral, revela o

amadurecimento democrático e cívico do PSD-Açores que, saltando para fora das meras regras de funcionamento interno em que muitas vezes se embrenham negligentemente os partidos políticos, quer intervir activa e construtivamente num dos maiores desafios da autonomia dos próximos tempos, na determinação do modo como os açorianos se fazem representar democraticamente no seu parlamento.

De resto, tanto na Moção de Estratégia aprovada, quer nas diversas intervenções que marcaram o Congresso, ficou bem patente a marca do PSD-Açores no desenvolvimento do nosso processo autonómico.

Ocupado com os Açores e preocupado com o futuro dos açorianos, o Congresso do PSD apontou a revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região como uma oportunidade para a afirmação e evolução da Autonomia, indo-se mesmo para lá da mera concretização regional da Revisão Constitucional, para a qual o PSD era ainda mais ambicioso do que aquilo que o consenso necessário permitiu alcançar.

O PSD realçou, ainda, a importância da revisão da Lei de Finanças Regionais quer no sentido da suficiência de recursos

financeiros que permitam aos açorianos um adequado nível de desenvolvimento, quer no que respeita ao pagamento pela República dos encargos nos Açores das funções sociais do Estado, em especial a Saúde.

O PSD manifesta-se, do mesmo modo, empenhado na reforma do Parlamento, quer ao nível do seu funcionamento na aproximação exigível e eficaz aos cidadãos, quer ao nível do próprio estatuto dos Deputados, promovendo a dignificação da Assembleia Legislativa como efectivo primeiro órgão da nossa Autonomia e centro do debate político nos Açores.

Para todos estes novos e permanentes desafios, o PSD-Açores manifestou e reitera total abertura e disponibilidade empenhada no diálogo promotor do consenso com outras forças partidárias que resista e imponha a força da autonomia contra outras forças de resistência que se vão infelizmente ainda manifestando.

Sem ser intencionalmente premonitório, o XV Congresso Regional do PSD-Açores, assumiu expressamente a defesa da Autonomia e da sua natural e necessária evolução, que se torna ainda mais premente face a recentes e preocupantes declarações

que augurando o fim da Autonomia, determinam que o caminho do nosso desenvolvimento parou aqui.

Declarações que são tanto mais graves quanto proferidas por Sua Excelência o Presidente da República, reforçando teses centralistas e ressuscitando fantasmas que o crescimento da democracia parecia ter enterrado.

O processo autonómico nunca está concluído, constitui uma permanente exigência e vontade.

Com efeito, não fora a repetida insistência do PSD, nos últimos anos, com sucessivas e reprovadas propostas de alteração constitucional e nunca se teria chegado onde estamos hoje.

A autonomia regional dos Açores tem de ser, só pode ser, dinâmica e continuamente aprofundada. Todos os dias, a cada passo, sem fim, sem paragem, sem moratórias ou complexos. Porque a favor de todos os açorianos e nessa medida de Portugal.

Qualquer acção política só pode ser justa se for adequada ao tempo e ao espaço que a condicionam.

O regime autonómico deve ser permanente e evolutivamente enquadrado com a realidade espacial arquipelágica, atlântica, europeia e nacional que nos é própria, do mesmo modo que deverá ser constantemente adaptado à inexorável evolução temporal cada vez menos previsível ou dominável.

Tudo isto, não apenas na mera dimensão jurídico-política das abordagens que comumente são feitas da Autonomia, mas na intervenção política que entenda o processo autonómico como o melhor meio para o desenvolvimento dos Açores e para a melhoria das condições de vida dos açorianos, ao nível da Cultura, da Economia, da Solidariedade, da Ciência, do Ambiente, enfim de toda a acção política que tenha por base o que existe e por desígnio o que o horizonte não limita.

O regime autonómico deverá, assim, ser aberto e não fechado, evolutivo e não parado, dinâmico e não estático, aprofundado e não superficial.

É este o contributo que queremos assumidamente dar.

É este o rumo que orienta a nossa acção política, contra uma forma mesquinha de ataque pessoal ou grotesco que caracteriza



alguma politiquice que se querendo mediocrementemente impor, na mesma medida, afasta os políticos dos cidadãos porque estes não se revêem em tais posturas nem estão à espera de tais procedimentos.

Com os olhos no Futuro e nos Açores, o PSD, como o maior partido da oposição na Região e como o partido do poder nas autarquias do arquipélago, estará vigilante na medida das suas responsabilidades, proponente e pró-activo na dimensão das expectativas dos açorianos e, sempre, assumindo a renovada vontade de contribuir para uns Açores melhores, que nos orgulhem a todos, no mesmo propósito e sentido de que, como todos os caminhos, o caminho da Autonomia se faz caminhando, as realizações alcançam-se com os feitos e as Ideias alimentam-se com a Vontade dos Homens.

Com a nossa Vontade e Ideias, queremos contribuir para a concretização permanente do caminho da Autonomia tendo por objectivo constante e único as realizações dos Açorianos.

Disse.